

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

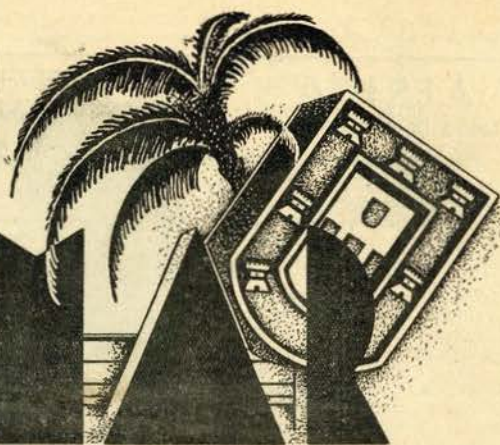
Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10.000 exemplares

DIRECTOR  
**HENRIQUE GALVÃO**  
CORPO REDACTORIAL  
**J. MIMOSO MOREIRA**  
**MÁRIO DE FIGUEIREDO**

Redacção e Administração:  
**PALÁCIO DAS COLÓNIAS**  
(Palácio de Cristal)  
▼ (TELEFONE 6580) ▼  
Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Pórt



# ULTRAMAR

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

## VISITANTE ILUSTRE

A Exposição Colonial Portuguesa honrou-se em 3 de Setembro com a visita do Príncipe de Gales, facto que o ULTRAMAR assinala com sincero júbilo.

Percorrendo o Palácio das Colónias, alheio a todo o protocolo, o futuro rei de Inglaterra pôde ver, através do Certame, uma



Príncipe de Gales

clara e convincente manifestação do progresso das nossas actividades e do muito que temos realizado nessa África de mistério, em benefício da Civilização.

Verificou, com evidente interesse, o Príncipe de Gales a grandeza de Portugal de Além-Mar, que, fiel à sua elevada missão colonizadora, continua a cumprir inteiramente o seu nobre objectivo na história da humanidade.

Depois de acentuar ao sr. Director-técnico do Certame o esforço desta realização, o Príncipe de Gales, ao abandonar o nosso País, exprimiu, nos telegramas endereçados aos srs. Presidente da República e Chefe do Governo, a «inolvidável impressão» que lhe deixou «a esplêndida Exposição do Império Colonial Português».



Aspectos das visitas do Príncipe de Gales e do Chefe do Governo à I Exposição Colonial Portuguesa.—Em cima, o futuro rei de Inglaterra no recinto do Certame. A seguir, o sr. dr. Oliveira Salazar percorrendo a Exposição

## VISITANTE ILUSTRE

A Exposição Colonial Portuguesa honrou-se em 6 de Setembro com a visita do sr. Presidente do Ministério, facto que o ULTRAMAR assinala com sincero júbilo.

Tendo tido oportunidade, em Maio findo, de visitar os trabalhos de montagem do Certame, o sr. dr. Oliveira Salazar não quis



Dr. Oliveira Salazar

que a Exposição se encerrasse sem deixar de apreciar, em pleno e vitorioso funcionamento, a sua realização.

A sua inesperada visita, alheia a todo o protocolo, figura no número das que prestigiam o Certame.

O Chefe do Governo, para quem a Exposição mereceu sempre o mais vivo interesse, retirou da sua visita com as melhores impressões, que traduziu, visivelmente, satisfeito e com os mais expressivos elogios ao sr. Director-técnico do Certame.

O sr. Presidente do Ministério, ao abandonar o Palácio das Colónias, exprimiu num telegrama enviado ao sr. dr. Armindo Monteiro o seu regozijo pelo êxito deste notável empreendimento, felicitando-o como «obreiro infatigável da Ideia Colonial».



# ÁFRICA

## LIÇÃO DE PATRIOTISMO

Em 1914, ao estalar a Guerra eu era uma criança semi-inconsciente e desinteressada por força do ambiente provinciano que me envolvia e tapava à minha curiosidade os horizontes da vida. Lembro-me que segui o conflito num entretenimento de garoto espiando alfinetes com bandeirinhas num mapa colorido ou folheando revistas e magazines onde as imagens de actualidades eram a continuação das deliciosas operações dos meus soldadinhos de chumbo, já arrumados como inutilidades para a minha distração, mas não esquecidos no inventário de preferências da hora do recreio. E quando a Guerra acabou eu completara 14 anos há uma semana e despedia-me dos meus bonecos, dos meus calções, da minha infância, para começar a viver.

Fez-se a formação da minha consciência e a educação do meu temperamento no período alucinado e confuso do após-guerra, vendo agonizar uma civilização que eu não entendera por não a ter vivido e assistindo atordoado mas ansioso ao despertar de novas fórmulas e à definição nebulosa doutras orientações.

Vi chegar do front os estropiados e os heróis e soube-os desiludidos e amargurados. Vi o desfile espaventoso da malta imunda e ventrada da retaguarda distante do perigo, exibindo escandalosamente luxo e satisfação de quem escapara dos recrutamentos e se ficara gozando o negócio das subidas bruscas das cotações dos géneros que as «bichas» dos humildes imploravam em empenhos sem regatear o custo ou fusilar a canalha sugadora.

Esse tempo agitado e revolucionário nada me deu para fortalecer na minha indecisão de adolescente o sentimento pátrio que na escola me tinham imposto como uma regra de matemática e na vida não tinha controle de exibição em convencimento da sua existência indispensável e bem sentida. Naturalmente, instintivamente, dominado pela influência das consequências evidentes da Guerra, da Guerra que eu não senti também no entusiasmo e no proveito local, conduzido por reflexões pessoais em face dum panorama ideológico contraditório que lançara o meu pensamento em despistes de desilusão, habituei-me a medir os limites da Pátria pela comunhão de sentimentos idênticos que ocupava na minha razão uma zona que ia de ponta a ponta do Globo e irmava nas mesmas aspirações, no mesmo sofrimento, no mesmo interesse em defesa de direitos comuns, os povos de todos os continentes.

Nem revoltado nem conformado. Fiquei num idealismo de bondade que tem mais raiz no coração do que na inteligência.

Nem entusiasta nem descrente. Fiquei numa expectativa de quem procura mais na lição dos acontecimentos do que na teoria dos filósofos caminho para uma orientação segura e bem escolhida.

Fiquei longe, das posições ridículas dos coerentes feroces que fazem da teimosia e da disciplina das ideias o seu dogma anacrónico que nada abala nem desvia. E durante anos a Pátria foi-me lembrada apenas em figuras de retórica e ilusionismo.

Um dia, porém, fui à África.

Por lá andei longos meses em peregrinação: atravessei palmares, cafezais e cacauais das ilhas quentes do Equador,



PALÁCIO DAS COLÓNIAS — Monumento aos Mortos da Colonização, situado na Avenida da Índia

### Movimento de Visitantes do Parque Zoológico desde a abertura da Exposição até ao dia 20 de Agosto de 1934

Junho	16	1.571	A Transportar	41.672
»	17	3.230		
»	18	1.405	Julho	19
»	19	1.055	»	20
»	20	1.093	»	21
»	21	1.920	»	22
»	22	649	»	23
»	23	2.770	»	24
»	24	3.842	»	25
»	25	1.992	»	26
»	26	913	»	27
»	27	830	»	28
»	28	1.776	»	29
»	29	1.705	»	30
»	30	934	»	31
Julho	1	1.988	Agosto	1
»	2	521	»	2
»	3	586	»	3
»	4	518	»	4
»	5	1.466	»	5
»	6	154	»	6
»	7	736	»	7
»	8	2.463	»	8
»	9	576	»	9
»	10	502	»	10
»	11	425	»	11
»	12	1.350	»	12
»	13	63	»	13
»	14	750	»	14
»	15	2.724	»	15
»	16	449	»	16
»	17	377	»	17
»	18	333	»	18
»			»	19
»			»	20
Transporte		41.672		
				67.852

corri Angola de canto a canto, desde a formosura continental das terras do Congo, da aridez selvagem dos campos de Luanda à paisagem risonha dos planaltos e do território sagrado do Sul. Atravessei Moçambique de cabo a cabo, desde a fortaleza da ilha, ao Norte, das planícies tristes de Tete, perigosas e doentias, à vida movimentada, saudável e confiante das concentrações importantes do Sul da Pro-

vincia. Parei em locais históricos onde o soldado português sofreu dores angustiosas e praticou heroísmo sublime em miragem de prestígio para a bandeira do país. Nas cidades, no mato, isolados no interior, perdidos na meia luz do anonimato humilde, falei com os colonos dedicados e lutadores construindo num esforço pessoal surpreendente a grandeza da Nação e assegurando-lhe, por iniciativa pró-

## O I Congresso de Intercâmbio Comercial para as Colónias

Pela quantidade de teses e pela diversidade de assuntos apresentados, o I Congresso de Intercâmbio Comercial para as Colónias, realizado de 13 a 17 do corrente nesta cidade, afirmou numa forma expressiva o desejo de contribuir para um melhor estreitamento de relações económicas entre a Metrópole e as Províncias do Ultramar.

Desde a sessão inaugural efectuada no salão árabe do Palácio da Bolsa — edifício secular de gloriosas tradições — às assembleias de trabalhos e à reunião de encerramento, o Congresso marcou sempre com apuro, categoria, animação, interesse pelos problemas em discussão e acentuado patriotismo nas suas finalidades.

A sessão de abertura foi distinguida com a presença dos srs. Ministro do Comércio e chefe do Gabinete do sr. Ministro das Colónias, que representava o titular desta pasta. Produziram discursos alusivos ao acontecimento, proclamando as vantagens da sua realização, os srs. António de Oliveira Calem, presidente da Associação Comercial do Porto; Alvaro de Lacerda, presidente da Associação Comercial de Lisboa; Joaquim Roque da Fonseca e Ministro do Comércio.

Nas seis sessões de trabalhos foram ventilados problemas de interesse geral por técnicos valiosos e economistas distintos.

A reunião do encerramento foi destacada pela elevação dos discursos, inflamados de fé no Império Português e nas virtudes da Raça, produzidos pelos srs. dr. Alberto Pinheiro Torres — que como secretário geral do Congresso foi, sem desprestígio para ninguém, a sua «alma» — Alvaro de Lacerda, Francisco Tavares Duarte e António de Oliveira Calem.

O II Congresso vai efectuar-se em Janeiro do ano próximo em Lisboa.

pria, direitos de soberania sem nunca estabelecer diferença entre os seus interesses e a utilidade dos serviços prestados à sua terra.

Vi em toda a parte «Portugal construtor de nações», formidável obreiro, colaborando em camaradagem com indígenas no aproveitamento dos territórios e na conquista de luz para os seus espíritos. E andei, assim, largos meses por terras distantes sentindo sempre a presença da Pátria e a influência dominadora do sentimento nacional no fortalecimento do nosso Império africano — extraordinária obra em revelação das qualidades dum povo que ganhou direito à admiração do Mundo.

Recebi a tempo a minha lição de patriotismo, lição forte, à margem da retórica e dos sonhos simpáticos dos que nasceram em estado de graça para compreender e sentir com entusiasmo de alma as noções distraídas dos compêndios. Construí o meu orgulho de português perante sugestões directas do que o meu país tem feito, com tanto sacrifício como dedicação, em benefício da Humanidade. E para os homens da minha idade, inquietos como eu, disponíveis para o serviço do país, ansiosos e sinceros, matéria prima para Portugal utilizar no seu labor de construção de países, aqui fica, em momento oportuno, a confissão dum português do Século XX.

LUIZ TEIXEIRA.



# COMÉRCIO ESPECIAL

**Importação e exportação, por países da procedência e do destino, em 1931, 1932 e 1933 dos territórios de Manica e Sofala, administrados pela Companhia de Moçambique (Não compreende o valor do ouro e da prata em barra e em moeda)**

Países de procedência e do destino	Importação e exportação reunidas			Importação para consumo			Exportação nacional e nacionalizada		
	1933	1932	1931	1933	1932	1931	1933	1932	1931
<i>Total.</i>	2.466.801\$	3.090.909\$	6.095.513\$	1.787.899\$	2.189.968\$	4.629.751\$	678.902\$	900.941\$	1.465.762\$
Portugal.	443.279\$	578.224\$	739.622\$	195.237\$	213.593\$	245.231\$	248.042\$	364.631\$	494.391\$
Colónia de Angola	5.584\$	10.938\$	21.312\$	5.584\$	10.309\$	20.661\$	\$	629\$	651\$
Colónia de Moçambique	92.169\$	116.064\$	242.929\$	24.418\$	52.637\$	165.954\$	67.751\$	63.427\$	76.975\$
Possessões portuguesas (outras)	3.349\$	1.748\$	1.849\$	1.278\$	1.045\$	1.571\$	2.071\$	703\$	278\$
Alemanha	117.076\$	191.721\$	408.769\$	111.531\$	187.321\$	377.848\$	5.545\$	4.400\$	30.921\$
América	114.004\$	156.329\$	239.394\$	114.004\$	156.329\$	238.239\$	\$	\$	1.155\$
Argentina	64\$	124\$	235\$	64\$	124\$	235\$	\$	\$	\$
Austria	749\$	454\$	162\$	749\$	454\$	162\$	\$	\$	\$
Bélgica	34.880\$	46.733\$	347.839\$	21.774\$	27.839\$	294.085\$	13.106\$	18.894\$	53.754\$
Bélgica (possessões)	4.872\$	37.892\$	396.526\$	44\$	472\$	1.818\$	4.828\$	37.420\$	394.708\$
Brasil	410\$	257\$	204\$	410\$	257\$	204\$	\$	\$	\$
Bulgária	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Chile	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
China	19.148\$	17.397\$	18.176\$	10.652\$	10.398\$	16.870\$	8.496\$	6.999\$	1.306\$
Cuba	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Dinamarca	817\$	1.461\$	2.171\$	642\$	1.281\$	2.051\$	175\$	180\$	120\$
Egipto	6.651\$	6.914\$	19.428\$	6.199\$	6.814\$	14.228\$	452\$	100\$	5.200\$
Espanha	678\$	615\$	796\$	671\$	615\$	796\$	7\$	\$	\$
Espanha (possessões)	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Estónia	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Finlândia	31.409\$	\$	13.818\$	31.409\$	\$	13.818\$	\$	\$	\$
França	48.789\$	40.140\$	37.575\$	38.212\$	32.736\$	34.122\$	10.577\$	7.404\$	3.453\$
França (possessões)	\$	9\$	26\$	\$	9\$	26\$	\$	\$	\$
Grã Bretanha	524.951\$	668.578\$	1.880.578\$	504.341\$	600.802\$	1.829.725\$	20.610\$	67.983\$	50.853\$
Austrália	5.194\$	6.468\$	2.517\$	5.194\$	6.468\$	2.517\$	\$	\$	\$
Canadá	15.039\$	23.797\$	54.378\$	15.039\$	23.797\$	51.194\$	\$	\$	3.184\$
Índia	201.541\$	172.830\$	151.808\$	115.728\$	107.707\$	151.527\$	85.813\$	65.123\$	281\$
Rodésia	351.092\$	412.744\$	632.683\$	170.723\$	200.137\$	351.058\$	180.369\$	212.607\$	281.625\$
União da África do Sul	169.544\$	285.056\$	364.942\$	164.912\$	273.422\$	353.617\$	4.632\$	11.634\$	11.325\$
Zanzibar	396\$	334\$	2.901\$	396\$	334\$	715\$	\$	\$	2.186\$
Colónias inglesas na África	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Colónias inglesas na Ásia	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Maurícias	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Niassalândia	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Transvaal	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Possessões britânicas (outras)	29.286\$	39.825\$	70.911\$	10.260\$	14.929\$	37.236\$	19.026\$	24.896\$	33.675\$
Grécia	181\$	266\$	1.671\$	181\$	122\$	1.671\$	\$	144\$	\$
Holanda	51.704\$	68.624\$	139.941\$	51.289\$	65.952\$	139.129\$	415\$	2.672\$	812\$
Holanda (possessões)	7.266\$	13.184\$	14.175\$	7.196\$	13.184\$	14.175\$	70\$	\$	\$
Hungria	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Itália	45.859\$	56.341\$	79.780\$	45.849\$	55.163\$	79.330\$	10\$	1.178\$	450\$
Itália (possessões)	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Japão	90.386\$	71.073\$	89.126\$	90.386\$	71.073\$	89.126\$	\$	\$	\$
Jugoslávia	6.491\$	14\$	1.647\$	6.491\$	14\$	1.647\$	\$	\$	\$
Lituânia	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Luxemburgo	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
México	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Noruega	2.595\$	1.683\$	2.451\$	2.595\$	1.683\$	2.219\$	\$	\$	232\$
Pérsia	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Polónia	\$	76\$	\$	\$	76\$	\$	\$	\$	\$
Roménia	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Rússia	\$	57\$	16.348\$	\$	57\$	16.348\$	\$	\$	\$
Sião	3.626\$	510\$	\$	3.626\$	510\$	\$	\$	\$	\$
Suécia	24.309\$	42.250\$	71.255\$	24.309\$	42.250\$	71.255\$	\$	\$	\$
Suíça	4.312\$	5.835\$	4.335\$	4.312\$	5.835\$	4.335\$	\$	\$	\$
Tchecoslováquia	558\$	368\$	806\$	558\$	368\$	806\$	\$	\$	\$
Turquia	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$	\$
Outras procedências ou destinos	828\$	14\$	350\$	828\$	14\$	350\$	\$	\$	\$
Consumo de embarcações	6.907\$	9.917\$	18.227\$	\$	\$	\$	6.907\$	9.917\$	18.227\$
Vendas em leilão	808\$	3.838\$	3.852\$	808\$	3.838\$	3.852\$	\$	\$	\$

## A Divisão de Informações

O mapa que acima se publica constitui um importante subsídio para a apreciação do movimento comercial dos territórios de Manica e Sofala, que veem sendo administrados pela Companhia de Moçambique. Por êle se verificam não só os montantes do movimento de comér-

cio especial, que, como se dá nas demais regiões das colónias, marca um notável decréscimo, como também a proporção que cabe a Portugal, suas colónias e demais países nas importações e exportações.

Este mapa pertence à documentação de informação económica que a Divisão de Informações da «I Exposição Colonial Portuguesa — Porto — 1934» possui.





Desenho de José Leite

No Pôrto, que presentemente não tem já a feição antiga da Capital do Norte, mas a da Primeira Exposição Colonial Portuguesa, nimbando o ambiente dum interesse tão raro como o da Alta Mentalidade que superiormente o dirige, havia aquela hora um movimento desusado e estranho. A madrugada límpida e fresca vinha batendo docemente às janelas dos que a esperavam sem dormir. O primeiro beijo ardente do sol de Agosto aqueceu a terra quasi tanto, como o aroma dos jasmims dobrados de que resplandecia o jardim que eu tinha que atravessar para ir à missa. Por motivo do aniversário da Tomada de Ceuta, estava marcado para

essa tarde, uma homenagem ao Infante D. Henrique, na Praça onde se ergue o seu monumento e, existe ainda muito perto, a casa onde Ele nasceu. E antegosando já, a festa que me povoava a imaginação das mais lindas visões históricas, entrei radiante na Igreja para louvar o Senhor do que o dia me prometia! Quando chegamos ao meio da missa, o sacerdote explicando o Evangelho dizia: «E tanto que se fêz tarde, desceram os seus Discípulos ao Mar. E havendo entrado na barca navegaram à outra parte do Mar. Mas era já noite escura e Jesus não tinha vindo ter com eles.

Entretanto o Mar empolava-se pelo vento que soprava rijo. E tendo remado viram a Jesus que andando sobre o Mar se aproximava à barca e tremeram. «Sou eu, não tremais.» Quizeram pois recebê-lo na barca e logo a barca chegou à terra onde ia... Ajoelhada na cadeira do altar e presa duma emoção sagrada mas violentíssima, apertei nas mãos trémulas a fronte pesada de sonhos. Receava ainda compenetrar-me duma blasfêmia. Mas não havia que duvidar. Aquela descrição era a síntese da História dos nossos Descobrimentos. «E tendo remado viram a Jesus E quizeram recebê-lo na sua barca. E logo a barca chegou à terra onde ia...» A perturbação que me dominava mal me deixou seguir o resto das orações. Mas quando depois da comunhão levantei os olhos, vi diante de mim um landinsito em miniatura que chorava. Julgando reconhecê-lo como a mascote do regimento indígena esperei-o à saída, no adro de Santo Ildefonso. Queria saber a causa das suas lágrimas: — «Que tens rapazinho, não estás contente? — «Obrigado Siôra não. Prêto chora porque prêto não esquece.» E apontando orgulhosamente para a farda: «Landim vai logo luzir na companhia de infantaria de Moçambique, (e apurava-se muito), e desfilar em continência (e fazia a continência) diante da estátua daquele que disse aos portugueses que buscavam as Africas:

# O SONHO DO LANDIM

«Panirei severamente agressões e actos de pillagem. «Esta obra é a obra de Deus. «Respeitareis os indígenas e Pão do Céu lhes dareis a comer.» Siôra, sabe, prêto chora porque prêto não esquece.» Pasmada com a erudição do pretito aventurei ainda uma interrogação: — «Como sabes tudo isso?» Então o soldadinho negro sorriu ufano. E empertigando-se mais: — «Estive na Escola das Missões Católicas. Landim estudou nos livros.» Sorri enternecida àquela ilustração que despontava tão exuberantemente e despedi-me dando-lhe alguns escudos para mais livros. A tarde as entidades representativas das autoridades civis e militares compareciam à cerimónia de homenagem ao mais glorioso dos Filhos de D. João I. A banda de Angola executara o hino nacional. Assinalando a primeira data honrosa das nossas Conquistas no Ultramar — Henrique Galvão, cujo porte de inconfundível nobreza indica o digno Continuidor da Antiga Cavalaria de Portugal, avançou com a grandeza da sua simplicidade. Devotadamente, como se a Exposição o fôra só da Obra Gigantesca do Infante, deixou cair as flores da

Exposição no pedestal da estátua esquecido do sucesso próprio e admirável que está genialmente realizando: a mais rápida e milagrosa revelação do Império Colonial feita emfim ao Povo que o desconhecia. E quando já terminada a solenidade quasi todos que assistiram se preparavam para regressar ao recinto Encantado do Palácio das Colónias — uma pomba muito branca depois de esvoaçar algum tempo em torno do monumento, pousou finalmente sobre o coração da figura do Infante D. Henrique. Ao vê-la, o landinsito mascote que ficara mesmo ao meu lado, prostou-se em oração: «Vinde Espírito Santo, visita as almas dos Vossos feis enchei da Vossa Graça os corações que criastes.» Quando cheguei um pouco mais tarde à Exposição, tratava-se de sufocar um ligeiro incidente a que se não dera mais importância que a que tinha realmente. Desaparecera duas horas antes a mascote viva do regimento de landins de Moçambique. Um grande pezar me apertou o coração. Que seria feito do pequenito? Prouvera a Deus que lhe não tivesse sucedido mal! E relembrava a nossa conversa manhã: «Prêto não esquece!»

Que linda afirmação quando é verdadeira! O branco não usa, mas também esquece mais. On... obrigam-no a esquecer? Fortemente impressionada quis recolher-me um pouco na Capela, ao fundo da Avenida na Índia. Estava fechada. Instintivamente ia a dirigir-me para a beira do Douro por detrás do Farol da Guia de Macau. Mas a afluência de visitantes àquela delicioso ponto de vista, invadia tudo, e eu queria estar só. Sai para tomar o automóvel que me conduziu a Leixões. E uma vez lá, olhando o dia que se despidia, eu via no oiro do sol poente, a lágrima de Deus que docemente caía sobre o mundo comovida, deixando o coração da gente mais inocente, e mais linda a Vida! Então, o rio, não me pareceu já tão frio, nem o fundo do mar tão fundo. Ao outro dia as notícias que me daram do pretinho eram breves e laconicas. Fôra apanhado na Estação de S. Bento à procura dum comboio para Leiria e estava na iminência dum grande castigo. A sua indisciplina fôra tanto mais grave, — rematava o fiscal que me informou, — que ninguém de certo lhe recusaria qualquer licença pedida para um passeio. Subitamente esclarecida do plano frustrado do rapazinho, não discuti. Entrei na Agência Geral das Colónias enternecida com o pequeno a quem pedi que me deixassem falar. Responderam-me afirmativamente e tão assim que me viu, exclamou confiadamente: — «Siôra, landim sonhou que ia



Desenho de José Leite

ao Mosteiro da Batalha e ninguém ralhava. E landim queria ir mesmo. «Siôra os outros não importa que pensem que eu ia na maldade, mas Capitão Director quero que o vão chamar, e não vão, (e batia com as mãos uma na outra como é uso africano para reclamar,) quero que Ele saiba que landim não deslustrou o brilho do certame. «Siôra landim ia ajoelhar diante de Aquele que enquanto viveu, também como Capitão Director, só cuidou de incentivar aos portugueses, o Grande Amor pela Africa, landim ia prestar vassalagem às cinzas do Infante D. Henrique...» Eu não acertava com o que lhe respondesse que não desautorizasse os que iam castigá-lo. Voltei-me constrangida. Por detrás de nós inteirado do

tudo, o Senhor Capitão Director sorria plácidamente com a inegualável placidez da sua consciência que não tolera a injustiça. Cinco dias depois, quando em homenagem ao Soldado Desconhecido os landins iam partir de visita ao Templo de Santa Maria da Vitória, foi-lhes notificado da Direcção que por motivo algum o pretito mascote, deixasse de os acompanhar também, à Capela do Fundador.

BERTA LEITE.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O esplêndido certame do Palácio de Cristal, visitado por milhares de pessoas do continente e outras do país vizinho, continua a despertar a atenção de nacionis e estrangeiros, a quem se patenteia, numa exibição deslumbrante, organizada com perfeito método e ordem, a obra colonizadora dos portugueses nos seus vastos domínios de além-mar. Ora portentosa e ingente é essa, que se revela aos olhos atônitos do visitante, através da documentação abundante e esclarecedora do Palácio das Colónias, em que se reúnem todos os elementos demonstrativos do esforço dos portugueses para firmarem o seu domínio secular em regiões vastíssimas e inhóspitas, que foi necessário ocupar militarmente e depois desbravar e cultivar, num trabalho porfiado e constante de longos anos, em que se consumiram muitas vidas e fazendas, sempre à custa de sacrifícios sem conta e duma abnegação patriótica sem limites. O que valem esses territórios, abrangendo áreas extensíssimas, sob o ponto de vista administrativo, militar, financeiro, económico e social, dizem-no com eloquência e numa profusão que estonteia, os numerosos elementos de estudo que nas salas e anexos do Palácio das Colónias se reúnem, desde os amplos mostruários das matérias-primas produzidas em Angola e Moçambique, até às maquetes, aos gráficos e às estatísticas que constituem esplêndido repositório de

consulta e que rapidamente elucidam sobre aquilo que, por um lado, mais interesse ao visitante curioso e ávido de se instruir, e, por outro, mais estimule o seu amor patriótico e o seu orgulho de português. De facto, nada mais eloquente e persuasivo para o ânimo do português ilustrado, e, sobretudo, para a mocidade escolar e próprio para lhes afervorar o culto patriótico, do que essa demonstração brilhante que é a I Exposição Colonial, síntese maravilhosa do valor, da fé e do esforço dos portugueses, onde cada visitante se revê na obra formidanda dos seus maiores, desses pioneiros audazes dos tempos idos — navegadores, soldados, missionários, traficantes — que edificaram um vasto império por remotas paragens da Africa, da Asia e da Oceânia e o consolidaram pelos tempos fora, mantendo-se, ainda hoje, bem gravado e vivo o esplendor da sua tradição. Toda a grandeza passada e presente do Império Colonial Português, como as possibilidades de um futuro promissor, ali se apresentam, no grande certame do aprazível Palácio de Cristal, envaidecendo-nos e honrando-nos perante nacionis e estrangeiros, pois lá se demonstra, até à saciedade, a capacidade dos portugueses como povo colonizador, que transformou o seu domínio sobre as populações indígenas numa cruzada humanitária, por ter sido dos primeiros a abolir a escravatura e a proclamar o regime da liberdade de trabalho nas colónias, definitivamente estabelecida pela lei de 29 de Abril de 1875. Mas já, anteriormente, o decreto de 10 de Dezembro de 1836 proibia a exportação de escravos, quer por mar, quer por terra, em todos os domínios portugueses, sem excepções, e posteriormente, pelo tratado de 3 de Julho de 1842, Portugal e a Inglaterra deliberaram, de mútuo acordo, pôr termo ao tráfico.

Outras providências legislativas se decretaram em favor da abolição da escravatura, as quais, a principio, produziram a sensível decadência das colónias, por constituir o tráfico, em algumas delas, a principal fonte de riqueza; isso não obistou, porém, a que Portugal se empenhasse na sua missão humanitária, e passados alguns anos se observasse o rejuvenescimento das províncias ultramarinas, substituindo o tráfico de escravos pelas explorações agrícolas e comerciais. Muitos escravos, porém, não compreenderam desde logo as vantagens do livre exercício da sua actividade e continuaram vivendo à maneira da sua condição servil. Foi necessário, pois, que o Estado exercesse a favor dêtes uma tutela e empregasse todos os meios para tornar praticamente aproveitável a liberdade dos indígenas e trazê-los gradualmente ao convívio da civilização. A maneira como Portugal compreendeu e tem cumprido essa missão, atesta-o, de modo frisante e insofismável, a I Exposição Colonial Portuguesa, afirmação notável do génio colonizador dos portugueses, que oferece, por isso, a mais perdurável e eloquente das lições à nova geração. Ocorrem-nos, a-proposito, estas palavras de Oliveira Martins, celebrando a glória do Infante D. Henrique: «Se o pensamento do Infante, avassalando tudo, se tornou a própria alma portuguesa, no século de ouro da nossa vida histórica, tendo em si a visão do mundo ignoto, lida com ela também a ideia clara, a ideia prática dos modos de o dominar, reger e fecundar.» E a Exposição Colonial não é mais do que a consagração, ou melhor, a apoteose, desta ideia clara e prática de dominar, reger e fecundar o mundo ignoto, que os portugueses descobriram e conquistaram numa luta sobrehumana de titans.

MARTINS DE ALMEIDA.

**ULTRAMAR** é largamente distribuído pelas Colónias, consulados e casas de Portugal no estrangeiro, centros de turismo, estabelecimentos de cultura e ensino oficiais e particulares, associações comerciais, agremiações, organismos coloniais, etc.

## Declarações do ministro das Colónias da Bélgica a-proposito da Exposição

O sr. dr. Paulo Tschoffen, ministro das Colónias da Bélgica, que, no regresso da sua viagem ao Congo, visitou, oficialmente, a Exposição Colonial Portuguesa, transmitiu a um jornalista de Bruxelas as seguintes impressões acerca do Certame:

«Trata-se de uma verdadeira exposição em que se agrupam, do modo mais feliz, uma grande quantidade de produtos coloniais e preciosos ensinamentos. Para todos os coloniais a visita a esta exposição apresenta um enorme interesse. Referiu-se, também, ao Arquivo Colonial, que classificou uma «mina» inexgotável, à disposição dos sábios e dos investigadores.»



Dr. António Barradas, Médico e publicista belga, antigo Director dos Serviços de Estatística de Moçambique onde produziu trabalho útil e valioso, o sr. dr. António Barradas tem sido um colaborador de merecimento da Exposição Colonial, ao qual, por este motivo, ULTRAMAR presta homenagem. O sr. dr. António Barradas está a coordenar e a editar a edição popular da «História Tráfico-Marítima», que vai ser publicada pela iniciativa da Exposição Colonial Portuguesa.

## A União dos Combatentes Franceses presta homenagem ao Esforço Colonizador Português

A União dos Antigos Combatentes Franceses residentes em Portugal prestou no domingo 16 do corrente uma homenagem ao Esforço Colonizador e de aplauso à Exposição Colonial Portuguesa. Em redor do Monumento do Parque do Império do Palácio das Colónias reuniram-se os Combatentes franceses e portugueses, tendo o sr. Albert Neury, presidente da Associação dos Antigos Combatentes Franceses residentes em Portugal, pronunciado um brilhante discurso de que extractamos os seguintes períodos: «Portugal é hoje uma grande potência colonial, possuindo territórios imensos onde exerce a sua influência. Basta percorrer esta Exposição para ter uma ideia dos prodígios realizados nas Colónias, onde a-pesar-das dificuldades, se criaram portos, estradas, caminhos de ferro, hospitais e escolas, numa forte acção civilizadora. Como não deixar de afirmar o meu entusiasmo diante de uma obra tão grande, que representa o fruto de esforços perseverantes e que testemunha a vitalidade da Raça portuguesa. O sr. Eduardo Lopes, secretário-geral da Exposição, falou em nome do Director, num expressivo discurso.



Da esquerda para a direita — Dr. Flores Loureiro, Maia Romão, Oliva Telos e Couto Soares, quatro proficuentes e dedicados cidadãos que tem, desinteressadamente, prestado ao seu valioso e humanitário concurso na assistência aos indígenas no Posto Sanitário da Exposição

## Intercâmbio Comercial entre a Metrópole e as Colónias

Escusado seria dizer que as nossas possessões do Ultramar servem tão somente para atestar as glórias de Portugal descobridor; hoje, porém, essas possessões de Africa, Asia e Oceânia servem também para demonstrar claramente a nossa capacidade colonizadora; já na civilização dos indígenas, já no desenvolvimento de certas culturas, já nos melhoramentos locais de alto valor, como sejam estradas de rodagem e de caminhos de ferro, de lançamento de pontes e do apetrechamento de portos, dentre os quais sobressai o de Lourenço Marques. E' incontestável que a I Exposição Colonial Portuguesa veio em grande parte confirmar o que atrás fica dito e fazer-nos igualmente pensar num mais afinado intercâmbio de produtos entre a metrópole e as colónias. Escusamos, pois, de importar do Brasil o seu açúcar pernambucano, o seu tabaco da Baía, o seu café de S. Paulo e Rio, o seu arroz de Iguape, o seu cauchu do alto Amazonas, assim como as suas madeiras: perobá, mogno e jacarandá. A fazer concorrência a essas produções brasileiras as nossas colónias dão-nos o açúcar de Angola e de Moçambique; os cafés, cada qual o mais saboroso, de S. Tomé, Cabo Verde e de Timor; o cauchu de Guiné e os das margens do Zaire e de Zambeze; as madeiras das florestas virgens da Guiné e de Damão.

Mas, além disso temos de S. Tomé o excelente cacau e de Quelimane o ótimo chá. Em breve precisaremos de importar ou dos Estados-Unidos, ou do Maranhão ou do Egipto o algodão necessário para a laboração das nossas fabricas. Se não fôsem os laços de tradicional parentesco que nos ligam ao Brasil, se ali não exercessem a sua actividade uns bons punhados de portugueses, e se necessidade não houvesse de manter lá o mercado dos nossos vinhos, o tratado de Comércio com esse país, nosso irmão, não tinha razão de ser, em vista de só vir prejudicar o desenvolvimento comercial das nossas colónias, cujas produções são quasi as mesmas que as dêsse vasto território brasileiro. Ora, para que o intercâmbio entre a metrópole e as suas possessões ultramarinas seja proficuo e lucrativo, mister se torna que os artefactos expedidos de cá não sejam de má contextura e mau acabamento, nem também de preço elevado. O que por outro lado muito convinha era intensificar-se a navegação e, estabelecendo-se mais carreiras de vapores com fretes comedidos para não sobrecarregarem as mercadorias. Porém, ainda há sobretudo a atender ao absurdo de certos direitos alfandegários, que se cobram à entrada dos produtos coloniais, direi-

tos êsses que os encarecem desalmadamente e fazem com que fique reservada ao negociante uma pequeníssima margem de lucros. E' de esperar que inconvenientes dêstes desapareçam, de modo que as relações comerciais entre a metrópole e as colónias sejam fáceis, correntes e para todos proveitosas.

LUIS LOBO.

## Convite aos Antigos Combatentes

«A direcção da Exposição Colonial convida todos os antigos combatentes que desejarem tomar parte no Grande Cortejo Colonial, que se realiza a 30 do corrente, a iniciarem a sua inscrição. Impossibilitada, por motivos de força maior, de organizar com o esplendor que desejaria, a Parada de Antigos Combatentes, deseja não encerrar os seus trabalhos sem prestar a sua homenagem a tão ilustres servidores da Pátria e da causa colonial, pelo que na composição do cortejo lhes foram reservados os lugares de honra a que as suas glórias tem direito.»



Cláudio Mourão e João de Sousa, dois dedicados cooperadores da montagem da Exposição



Amândio Silva, funcionário da Agência Geral das Colónias, e Moura Coutinho, Curador de Indígenas, dois dedicados colaboradores da montagem da Exposição.



### Homagem ao sr. director da Exposição

O sr. capitão Henrique Galvão, director-técnico da Exposição Colonial, foi em 21 de Agosto, de manhã, alvo, inesperadamente, dum homenagem de apreço e de admiração levada a efeito pelo pessoal menor em actividade no Certame.

No seu gabinete, perante o pessoal menor e funcionários superiores da Exposição, o sr. Joaquim Cordeiro Dias activo fiscal-geral adjunto dos Serviços Técnicos, leu uma mensagem em que se salientavam as qualidades de realizador, de inteligência e de comando disciplinar do sr. capitão Henrique Galvão. Patenteava-se, também, na referida mensagem todo o reconhecimento do pessoal menor pela forma como tem sido tratado pelo director da Exposição.

O sr. Cordeiro Dias terminada a leitura da mensagem entregou ao sr. director da Exposição uma rica salva de prata com o brasão de Angola, trabalho primoroso da Ourivesaria Cunha.

O sr. capitão Henrique Galvão a quem a cerimónia surpreendeu e muito sensibilizou, disse que após a manifestação feita há tempos pelos funcionários superiores da Exposição a homenagem que lhe acabava de ser prestada pelo pessoal menor muito o impressionava.

Saltientou que o pessoal maior e menor da Exposição haviam sido os grandes colaboradores do Certame.

Era-lhe grato constatar esse esforço especialmente dos mais humildes, em homenagem aos quais destacara o mais velho deles, o mestre Joaquim Barbosa, — exemplo de honestidade e de trabalho — propondo-o ao Chefe do Estado para ser condecorado.

Agradeceu as provas de trabalho e disciplina evidenciadas e cumprimento, por fim, todos os manifestantes.

A mensagem foi entregue numa luxuosa pasta de camurça, com o escudo das quintas em esmalte e prata.

Finda a manifestação, as pessoas presentes cumprimentaram, também, o sr. capitão Galvão pela homenagem com que fôra distinguido.

### Júris de recompensas

Estão terminados os trabalhos dos júris de classes, devendo retinar por dias os júris de grupo constituídos pelos presidentes dos júris de classes, para conhecer das propostas feitas pela apreciação dos seiscentos stands e mostruários que figuram na Exposição classificadas em dezasseis grupos e subdivididos em cinquenta classes.

O trabalho de exame, extenuante e feito diariamente, levou cerca dum mês e dez dias, tendo intervido vários técnicos e especialistas, na sua maioria conhecedores de assuntos coloniais.

O número de expositores particulares da Metrópole é de 194, de expositores oficiais da Metrópole e das Colónias 141 e expositores particulares das Colónias 265. Neste número não estão incluídas algumas dezenas de concessionários, que não tem, por essa circunstância, direito a qualquer recompensa.

Nos termos do regulamento da Exposição a entrega dos prêmios aos expositores será feita em sessão solene.

### O "Dia de Macau"

A Exposição Colonial dedicou o dia 1 do corrente a Macau, lembrando o capitão de Mar e Guerra João Maria Ferreira do Amaral, figura heróica e enérgica de militar que, em 1849 a-quando governador daquela Colónia portuguesa do Oriente, foi vítima dos chinês que o assassinaram, traiçoeiramente, nas imediações das portas da cidade.

Às 22 horas, o sr. capitão Rogério Ferreira, oficial distinto que se assinalou na Grande Guerra, fez uma conferência pelo pósto privativo emissor de radiofonia sobre Macau, Colónia onde aquele ilustrado militar esteve colocado.

O conferente iniciou a leitura do seu trabalho descrevendo, num interessante estudo histórico, o estabelecimento dos portugueses na China e a fundação de Macau.

O aspecto económico daquela Colónia é desenvolvido com inteligência em vários dos seus aspectos.

O sr. capitão Rogério Ferreira concluiu o seu trabalho apelando para o patriotismo de forma que Macau volte a ser o grande Entrepote Commercial Português do Extremo-Oriente.

Nessa data, foi descerrada pelo sr. engenheiro Ferreira do Amaral uma placa no Monumento ao Esforço Colonizador, com a seguinte legenda — «Evocando o sacrificio heróico de Ferreira do Amaral — Dos Portuguezes de Macau, 31-VIII-1934».

Fêz-se uma larga distribuição de plaquettes dedicadas ao «Dia de Macau».

### O "Dia da Índia"

Soleizou-se em 12 do corrente o «Dia da Índia», lembrando a figura do conde de Aveiras, o vice-rei João da Silva Tejo de Meneses, que no Oriente proclamou D. João IV como rei legítimo de Portugal.

Foi uma interessante comemoração que teve aspectos patrióticos, culturais e pitorescos.

Depois de uma festa desportiva no lago da Exposição, em que tomaram parte indígenas, declamou a distinta escritora sr.ª D. Maria Ermelinda de Stuarts Gomes uma conferência referente à «Mulher Indiana». Trabalho de exaltação à Índia e em que é estudada, por forma leve e expressiva, a mulher indiana através dos tempos e apresentada como elemento de acção na vida social. Foi muito aplaudida.

Fazia, também, parte do programa a conferência do ilustre escritor e colonial sr. José Frederico Ferreira Martins, que dissertou sobre «A aclamação de D. João IV na cidade dos vice-reis».

O conferente começou por demonstrar primeiramente como e por que foi desperdiçada a nossa vontade para a expansão através dos mares, o que nos trouxe como resultado a descoberta de novos continentes, e povos estranhos, que entraram no convívio com os europeus para a prosperidade de uns e de outros.

Analisando a seguir o temperamento dos portugueses quando tivessem de defrontar e reagir contra as ameaças da perda da mais pequena parcela da sua independência, apresentou as razões que nos levaram à sujeição ao domínio da Castela. Definiu depois a fundamentalidade das nacionalidades e põ-las em confronto com as dos homens, nas horas graves de suas tristezas e dores.

De igual maneira mostrou como e por que os Capitães da Índia não aceitaram em princípio tal domínio, que se não conciliava com o seu espírito de guerreiros e conquistadores apresentando como por mais de uma vez demonstraram a sua hostilidade junto dos Vice-reis, que foram queimados em fogueira, sempre que se manifestassem partidários em excesso dos Filipes os quais se fizeram adormecer em Portugal a vontade de festejar o primeiro centenário do grande feito do Gama, não conseguiram outro tanto na Índia, que nessa data fez erguer o «Arco do Vice-rei», monumento que em boa hora foi reproduzido na Exposição Colonial.

E enquanto definia o sentimento patriótico dos Capitães da Índia, que conquistaram um grande Império e o mantiveram florescente por mais de um século, tendo sempre na lembrança a ideia da Pátria, citou um belo pensamento do sr. Ministro das Colónias, que num discurso definiu brilhantemente o sentimento do colono do hoje, que em nada difere, sob vários aspectos, dos dos portugueses conquistadores e colonizadores de antanho.

Por fim, apresentou-nos a Cidade dos Vice-reis no dia da Restauração, e o seu regozijo, a sua satisfação, o seu entusiasmo, e trouxe aos nossos olhos um brilhante cortejo de fidalgos e guerreiros, em reinzentas armaduras e vistosos trajes de gala, no dia 11 de Setembro de 1641, dia em que, também, os povos dominados manifestaram a sua alegria junto com os dominantes, com os quais sempre repartiram das suas alegrias e tristezas.

O conferente, ao concluir o seu brilhante trabalho, foi muito aplaudido.

### O reconhecimento científico das Colónias portuguesas — Conferência

Proseguindo na sua acção cultural, realizou no Salão da Faculdade de Engenharia uma notável conferência — *O reconhecimento científico das Colónias portuguesas* — o ilustre prof. sr. dr. Luiz Carriso, da Universidade de Coimbra.

Referiu-se ao êxito, sem precedente, da Exposição Colonial no Pôrto, que veio revelar uma manifestação de larga actividade e que a nação se interessa pelo seu Império, mostrando também que o esforço realizado nos nossos domínios ultramarinos é digno de ser considerado por todos os países civilizados.

Fala depois no renascimento da ideia colonial afirmando que a obra a executar — a colonização das vastas regiões do nosso Império — exige um colossal esforço, colonização que tem de ser feita cientificamente. Explica, largamente, em que consiste essa colonização científica. Analisa o que temos feito e qual o nosso activo. Lembra os nomes de Barbosa do Bocage, conde de Ficalho e Júlio Henriques, em cujas obras a ciência colonial portuguesa se afirma e diz que ninguém ainda os substituiu, sendo raros os homens de ciência portugueses que teem das coisas coloniais um conhecimento directo.

E depois dum longa e interessante dissertação sobre a falta de monografias completas das colónias e a falta de ensino colonial, conclue:

«Orgulho-me de não pertencer ao número daqueles que descarregam sistematicamente sobre o Estado as culpas que lhe devem ser levadas em conta própria. Mas pergunto — que fez o Estado para evitar a derrocada da magestosa obra de Barbosa do Bocage? Quando o dr. Júlio Henriques foi explorar S. Tomé, dando um exemplo que deveria ser acarinado, que lhe fizeram? Reduziram o orçamento do seu Jardim Botânico, produzindo perturbações no seu funcionamento, que ainda hoje não estão reparadas.

De um modo geral, o Estado nunca solicitou a colaboração dos universitários na obra colonial. Não solicitou essa colaboração, nem a estimulou, pela concessão de quaisquer facilidades. Dada a estreiteza do nosso meio científico, e as precárias condições de vida do professor que exclusivamente se dedica à ciência, o que aconteceu e acontece era evidentemente inevitável. E, contudo, é necessário e urgente que esta situação se modifique.

É necessário e urgente que o professor superior, e de um modo geral, tódas as actividades científicas da Nação sejam chamadas a colaborar na grande obra da expansão colonial portuguesa.

A solução do problema, a meu ver, deve sujeitar-se às seguintes condições:

Os trabalhos de investigação científica colonial deverão ter a sua base na metrópole. A instalação, no momento actual de bases científicas nas colónias, como pretendeu o Alto Comissário Norton de Matos com a criação da Missão Geológica de Angola, parece-me dispendioso, inconveniente, e nalguns casos, praticamente impossível. Não é fácil reclinar, de um momento para o outro, todos os elementos que uma tal base necessariamente exige, tais como bibliotecas e material de comparação. Essas bases existem na metrópole, principalmente dentro das organizações universitárias. Seria apenas necessário completá-las, de acordo com a sua função colonial.

Os investigadores coloniais devem recrutar-se, de preferência, entre o pessoal universitário. Assim se resolveria, por uma forma indirecta, mas eficaz, a questão do ensino colonial nas universidades.

O trabalho efectuar-se-ia por meio de missões temporárias, às quais competiria especialmente, a investigação directa no campo, e a colheita do material científico. O estudo ulterior desse material, assim como as publicações respectivas, seria feito na bases metropolitanas.

O Estado deveria criar um organismo cuja função fosse organizar e orientar estes trabalhos, por meio de acordos com os directores dos institutos científicos metropolitanos.

Com o decorrer do tempo, e o progressivo desenvolvimento destes serviços, alargarem-se-iam os quadros dos institutos interessados, criando-se, assim, um importante corpo de investigadores coloniais. Muitos dos diplomados pelas universidades, que nas condições actuais, dificilmente encontram colocação teriam diante de si um vasto campo de trabalho, que lhes permitiria ganhar a vida sendo úteis ao seu país.

A organização do nosso museu colonial seria o coramento deste plano. Não temos hoje, nem material, nem pessoal para esse empreendimento: mas dentro de alguns anos, estou certo que isso seria possível, desde que lançassem já mãos à obra.

O nosso museu colonial! Confrange-se-me a coração quando vejo a nossa pobreza, e faço o confronto com o que sucede nos outros países coloniais. Já não falo na Inglaterra, na Holanda, na França, nações cuja actividade colonial vem de longe. Mas a Bélgica, que a-pesar-de ter iniciado a sua obra de colonização apenas há algumas décadas, nos apresenta, no museu de Tervueren, um monumento de primeira grandeza, atestando na importância do seu esforço, na investigação científica do Congo!

Continuaremos nós a contemplar as glórias do passado sem repararmos nas exigências do tempo presente?

Tenho fé em que assim não acontecerá, e que, neste importantíssimo campo de investigação científica colonial, sabermos afirmarmo-nos por forma a darmos ao nosso país a situação que lhe compete, e que ele não pode deixar de ocupar.

Tenho fé no futuro, e, com justificada confiança endereço o meu apelo a quem nos governa.

Que a exposição marque, de facto, a abertura de uma nova era na vida colonial portuguesa; e que aos homens de ciência seja confiada a missão de desbravarem o caminho, conduzindo a Nação aos seus altos destinos. Façamos agora, o que fizemos outrora: e agora tomemos como guia esse mesmo espírito científico de que o Infante D. Henrique foi o mais potente representante.

E termino esta minha oração com a palavra sacramental — AMEN.

O ilustre professor foi muito aplaudido no final da sua conferência.

### O DIA DE CABO VERDE — Conferências por Fausto Duarte e Machado Saldanha. — Tarde literária-musical e Desceramento duma lápide

A Exposição Colonial consagrou a data de 13 do corrente à Colónia de Cabo Verde, lembrando a prestigiosa figura do grande farmacêutico Roberto Duarte Silva.

Devido à inteligente e activa iniciativa do sr. Machado Saldanha, ilustre delegado de Cabo Verde junto da Exposição, a homenagem à Colónia resultou numa festa atraente e simpática.

A primeira parte do programa compreendeu a realização duma *matinée* literária-musical, em que o distinto escritor Fausto Duarte pronunciou uma interessante conferência sobre literatura colonial e cantares regionais de Cabo Verde.

Esse expedito trabalho de crítica amena, redigido com elegante recorte literário, foi eloquentemente apreciado, como era de justiça, e muito aplaudido.

Seguiram-se recitativos e números de música por elementos étnicos de Cabo Verde.

A noite, o sr. Manuel Machado Saldanha leu ao microfone da Invicta-Rádio a sua esclarecida conferência intitulada *A evolução e o apetrechamento económico de Cabo Verde*, de que extratamos os seguintes períodos:

Cabo Verde foi sempre uma Colónia em que a importação sobrelevou à exportação, sem que este facto significasse balança de pagamentos deficitária.

Nos últimos três anos a balança comercial, excluídos os valores do carvão de pedra e de óleos combustíveis, atinge um total de 76 milhões de escudos a favor da importação. Este fenómeno sempre se verificou: no triénio 1909 a 1911 o *deficit* atingiu 3.195.740\$31.

A balança de pagamentos externos vinha encontrando equilíbrio com a compensação resultante das cambiais remetidas, pelos emigrantes a título de mesadas e de transferências de capitais para a aquisição de propriedades, com o esterião das despesas obrigatórias em Cabo Verde das instalações das Companhias carvoeiras e telegráficas e com o pagamento em ouro das taxas de trânsito dos telegramas.

Financeiramente, a colónia também em nada se ressentia do desnível comercial já referido: os recursos das taxas terminais que no orçamento vigente ainda se computam em 6.034 contos e os rendimentos do tráfego do Pôrto Grande de S. Vicente mantinham até os orçamentos da Colónia num estável equilíbrio e ainda permitiam que o encerramento das contas de exercício se fizesse com quantiosos saldos.

A conta de exercício de 1932-1933 é expressa por estes números:

Saldo de 1931-1932 . . . . .	6.793 contos
Receitas cobradas . . . . .	25.045 >
Soma . . . . .	31.838 >
Despesa efectuada . . . . .	22.189 >
Saldo para 1933-1934 . . . . .	9.649 >

A crise actual da Colónia de Cabo Verde, com a superfície total de 4.033 quilómetros quadrados e uma população de 153.000 almas, apresenta uma feição diferente daquela que afecta as outras colónias portuguesas. Pode ser considerada sob dois aspectos diferentes: um, em parte relacionado com a crise mundial e por consequência mais ou menos duradouro; outro, dependente dum fenómeno puramente natural, provavelmente passageiro, o da escassez anormal de chuvas, e consequente reduzida produção agrícola que origina uma certa perturbação local, em virtude da escassez de alimentos para a população.

Focando o primeiro aspecto, verifica-se que a sua aguda incidência advém de várias causas, algumas relacionadas com o progresso técnico do mundo e com o avanço da engenharia.

As compensações que pela balança de pagamentos externos corrigia e equilibrava a posição comercial da colónia vão dia a dia escasseando.

As remessas de cambiais feitas pelos americanos — assim se chamam os caboverdeanos emigrantes para a América — em virtude da crise de desemprego daquela pátria, com a consequente redução de salários, vem diminuindo, podendo-se, por estimativa, marcar esse decréscimo com estes números:

1927 . . . . .	27.900.000\$
1928 . . . . .	23.250.000\$
1929 . . . . .	19.650.000\$
1933 . . . . .	5.750.000\$

É certo que o decréscimo brusco que se verifica em 1933 tem a actual-lo-a depreciação cambial do dólar dos Estados Unidos da América, mas há que contar, para avaliar a importância da crise e do seu efeito futuro, deste factor, que a lei dos «contingentes» equivale para os caboverdeanos à proibição



de emigrar, e, com a idade, que acabará por condenar os que lá se encontram e não podem ser substituídos, mormente sabendo, como se sabe, que na América um trabalhador de 45 anos é bastantes vezes lançado a margem.

Por sua vez tendo as companhias telegráficas e as de reabastecimento de combustíveis à navegação dispensado muito pessoal, aquela pela introdução de máquinas automáticas e estas pela deminuição do tráfego marítimo e substituição progressiva de navegação a carvão pela navegação a óleo, necessitam de muito menos numerário para os seus pagamentos.

Sob o ponto de vista social, os factos apontados também trazem aspectos graves: deminuição da emigração e portanto a necessidade de alargar o campo de actividade na colónia.

Em 1920 saíram de Cabo Verde, com vários destinos, 2.536 emigrantes, em 1933 apenas 559.

O caso especial do desemprego na cidade do Mindelo onde, por via da deminuição do tráfego do Porto Grande, têm sido sucessivamente dispensados inúmeros trabalhadores — é um índice palpante que a Administração bem avalia.

Estes casos económicos e sociais, rebatidos na balança de pagamentos externos, reflectem a seguinte previsão:

Importação (excluído o carvão e óleo) . . . . .	23:400 contos
Exportação . . . . .	2.900 *
Transferências de emigrantes . . . . .	5.750 *
Taxas de trânsito . . . . .	0.600 *
Cambiais das companhias estrangeiras para encargos obrigatórios . . . . .	0.600 *
De outras proveniências, economias de serviços, etc. . . . .	1.000 *
Soma . . . . .	22:850 *
Deficit provável . . . . .	550 *

O pensamento da acção que presentemente vem sendo realizada pelo Governo de Cabo Verde no sentido da efectivação do apetrechamento económico do arquipélago, delinea-se com os seguintes pontos:

- 1.º A dotação de comunicações de forma a facilitar o transporte da produção para os portos do mar;
  - 2.º O apetrechamento dos portos marítimos de forma a servirem o tráfego da sua exportação;
  - 3.º O estabelecimento de ligações inter-insulares aproveitando a navegação veleira para os portos de menos movimento e utilizando a navegação a vapor entre os principais portos de exportação das ilhas de S. Tiago e S. Vicente;
  - 4.º A constituição de campos experimentais de culturas nas várias ilhas-agricolas para o estudo da introdução de novas culturas e melhoramento das existentes;
  - 5.º A assistência técnica e de crédito aos agricultores;
  - 6.º A modificação do regime de propriedade;
  - 7.º A organização de sindicatos e de grêmios de produtores e de exportadores;
  - 8.º A realização de obras de hidráulica agrícola como meio de alargamento das áreas de plantação;
  - 9.º A modificação do regime de trabalho, orientada no sentido de se assegurar ao trabalhador um seguro de inabilidade e, possivelmente, de sobrevivência a favor de sua família.
- E entretanto assegurado com o aumento de produção um certo tráfego ao Porto Grande de S. Vicente, pensa-se a sério na sua valorização, redimindo-se assim, embora tardiamente, o descaramento a que tem sido votado, sendo natural que da competência com os concorrentes ainda nos anos mais próximos sejam colhidos bons resultados do reabastecimento à navegação transatlântica.

Expostas assim as directivas que presidem à valiosa acção desenvolvida em Cabo Verde na actual gestão governativa, em ligeira referência se apresenta a base já obtida para esta realização.

A Colónia contraiu agora, com a Metrópole, um empréstimo de 15:000 contos, ao qual será dada inteiramente uma aplicação de fomento, que no decreto de autorização vem estabelecida.

Como se verificou, a excelente situação financeira da Colónia permite que a amortização e encargos deste empréstimo sejam feitos e liquidados pelos seus próprios recursos.

Cabo Verde pretende assim com o maior afan criar, com os recursos próprios, uma autonomia económica que não tinha.

No caminho deste empreendimento já se percorreu certo espaço. São prova disso bastos dissabores e algumas alegrias.

Na consecução do plano a população de Cabo Verde vive uma hora de Fé. As estradas já abertas, as ponte-cais em construção, a legislação já promulgada e proposta, e entre esta há que destacar a da nova organização dos serviços e a da constituição do quadro administrativo de carreira, a da Comissão de Estudos Económicos, para prover a coordenação dos interesses económicos e do levantamento social das actividades, produção e trabalho do arquipélago, — são atestados de que, em Cabo Verde, a direcção não vive só retórica discursiva ou de textos do Boletim, mas sim refere um método de acção geral e precisa.

Os discordantes aparecem neste revolver de sistemas, de normas e de interesses. Mas, é sabido que sem grandes dores as sociedades não se despegam de velhas ideias, de hábitos inveterados, de vícios consistentes e de erros patognómicos. Numa obra de transformação, há sempre resistências a vencer e instituições caducas que é mister vencer.

Que neste sucinto reconhecimento de dificuldades vá um modesto estímulo de encorajamento para aqueles a quem cabe vencê-las...

### Os representantes das Juntas de Freguesia de Lisboa na Exposição

Os delegados das comissões administrativas das Juntas de Freguesia de Lisboa, a convite das suas congéneres do Porto, visitaram em 13 do corrente a Exposição Colonial, onde patentearam a sua admiração e aplauso pelo expressivo e versado documentário reunido no Palácio das Colónias.

Os visitantes, em nome do Povo de Lisboa, homenagearam a obra da Colonização portuguesa junto ao Monumento que afirma: esse notável esforço.

## Concurso de Fotografias

Pela direcção da Exposição foi-nos fornecido o resultado do Concurso de Fotografias, com os nomes dos concorrentes premiados e o número das fotografias escolhidas pelo júri.

O prémio de honra, com mil escudos, foi conferido ao sr. Francisco Oliveira, pela sua fotografia «Mulher de bronze».

Na classe de «Paisagem» — 1.º prémio, foto n.º 155, concorrente José Neves Catela; 2.º e 3.º prémios, fotos n.ºs 167 e 174, dr. Artur Almeida de Eça.

Na «Etnografia» foi desdobrada em dois grupos. Etnografia própria dita, 1.º prémio, foto n.º 2, do dr. Abel Pratas, 2.º prémio, à n.º 25, do dr. António Lebre e à n.º 43, do dr. Elmano da Cunha e Costa. No grupo de Etnografia artística — 1.º prémio, ao n.º 68, de José Neves Catela; 2.º prémio, ao n.º 51 e 3.º prémio, à n.º 52, ambas de Francisco Viana.

Na classe «Caça» — 1.º prémio, ao n.º 95, do dr. Abel Pratas; 2.º prémio, ao n.º 96, do dr. António Mantero; 3.º prémio, ao n.º 88, do dr. Abel Pratas.

Classe 4.ª, de «Aspectos económicos»: 1.º e 2.º prémios, n.ºs 265 e 272, do dr. António Lebre; 3.º prémio, n.º 206, do dr. Maximino Corrêa.

Na classe 5.ª «Diversos» foi resolvido classificar assuntos históricos, que no concurso estão bem representados. Foram escolhidas duas fotografias, catalogadas com os n.ºs 246 e 257, como 1.º e 2.º prémios, do concorrente Mário Cardoso; e 220, 3.º prémio, de José Neves Catela.

Além destas classes uma outra se criou, compreendendo assuntos da Exposição, por terem aparecido algumas valiosas reproduções. Atribuíram-se os 1.º e 2.º prémios, às

## Para encerramento da Exposição

vai realizar-se a 30 do corrente um grandioso cortejo colonial

Está em organização com os maiores cuidados o Cortejo Colonial, que será o remate da Exposição Colonial.

A sua parte histórica vai constituir um quadro retrospectivo de raro brilhantismo. Os trajes, as armaduras, os carros alegóricos, as figuras simbólicas servirão para exemplificar o nosso passado de colonizadores e de descobridores.

Assim, seguindo-se aos arautos e trombetairos que romperão o cortejo, ver-se-ão desfilar os cavaleiros de Ceuta, rodeando a figura do Infante Navegador, que o actor Raul de Carvalho interpretará, vestido rigorosamente o traje clássico do solitário de Sagres.

Esses cavaleiros, empunhando lanças e estandartes, vestirão as armaduras da época, indo os seus cavalos, também rigorosamente arreados e ajezados.

Depois irão os homens do Infante, aludindo um carro alegórico à barca de Gil Eanes, ao cometimento da passagem do Cabo Bojador. Gil Eanes será representado pelo actor Alvaro Benamor.

A seguir aos marinheiros de Sagres, irão os capitães da Índia, os marinheiros, soldados, pilotos e capitães da descoberta, num carro que figurará o chapitêu de uma nau.

Os capitães de Albuquerque, de D. João de Castro, de D. Francisco de Almeida formarão seguidamente um grupo, em que se figura uma recepção solene de um capitão vencedor. Os figurinos para esta representação foram extraídos das famosas «Tapeçarias de D. João de Castro».

Os «bandeirantes» do Brasil, colonizadores e conquistadores, do século XVII, seguir-se-ão depois, como que em viagem guerreira, pelos sertões do sul das terras de Santa Cruz, e fecharão esta parte do cortejo os exploradores e comerciantes seletivistas, dos matos africanos, aqueles a que chamavam então os «aviados», «pombeiros» e «lanuntes».

Um esquadrão de cavalaria do século XVIII separará esta parte histórica do cortejo, da parte política, onde se apresentarão os imponentes carros alegóricos de todas as colónias portuguesas tripulados pelos indígenas respectivos, com os seus trajes mais típicos.

Seguir-se-á a parte económica e a esta a parte espiritual, separando-as no estadeir dos seus elementos decorativos e de propaganda, o «Carro do Século», que distribuirá ao público o «Livro da Exposição», livro-resumo, artisticamente ilustrados, dos resultados admiráveis deste certame, sob os vários pontos de vista, da sua influência cultural, política e de propaganda colonial.

Tal é em esboço o que será o grande cortejo do dia 30 deste mês, o grandioso espectáculo que constituirá, para o Porto, um dia de inesquecível festa e um título de glória para os seus fastos históricos.

fotos n.ºs 55 e 184 de Francisco Viana; e à n.º 56, de D. Beatriz Frias.

O prémio de conjunto (grande prémio) ao sr. dr. António Lebre; aos outros concorrentes são conferidos e entregues oportunamente, diplomas de honra.

As fotografias premiadas vão ser reproduzidas na Imprensa.

## A Homenagem dos Escoteiros Portugueses à Exposição Colonial

700 escoteiros da Metrópole, das Ilhas e das Colónias reuniram-se no domingo, 16 do corrente, em volta do Monumento ao Esforço Colonizador de uma expressiva e eloquente homenagem à acção dos Portugueses na obra de ocupação e de colonização através das cinco partes do mundo.

Ao acto, que revestiu na sua simplicidade expressiva grandeza, assistiram os antigos Combatentes Franceses residentes em Portugal e os portugueses que foram seus irmãos de armas em plena Grande Guerra.

## Circular aos Expositores

A Direcção da Exposição enviou aos srs. Expositores uma circular concebida nos seguintes termos:

«Ex.ª Sr. Senhor

Devendo encerrar-se no dia 30 do corrente a Exposição Colonial Portuguesa, cumpre-me agradecer a V. Ex.ª, a sua valiosa cooperação, que tam brilhantemente contribuiu para o êxito do conjunto do Certame.

Desejando a Câmara Municipal do Porto a entrega breve do Palácio de Cristal e seus jardins, tenho de promover uma rápida desmontagem dos pavilhões o stands.

Nesta conformidade, solicito a V. Ex.ª o obsequio de mandar proceder à retirada do seu mostruário na primeira semana de Outubro e, tendo construção a desmanchar, procurar remover todos os materiais até ao dia 15 do mesmo mês.

A partir dessa data, os bilhetes de identidade de acesso ao Palácio deixam de ter validade, e a entrada de operários só será permitida, excepcionalmente, com autorização da Direcção justificando o motivo do atraso.

Rogo, também, dignar-se elaborar um inventário do que tem exposto e deseja retirar do recinto para ser por mim visado, visto que um serviço rigoroso de controle na saída vai ser estabelecido, para evitar qualquer descaminho nos objectos e materiais dos seiscentos expositores particulares e oficiais que vieram à Exposição Colonial Portuguesa.

Com os testemunhos da minha consideração, creia-nos muito gratos pelo concurso dispensado.

O Director-técnico,  
HENRIQUE GALVÃO.

## Movimento de visitantes até 9 de Setembro à Exposição Colonial Portuguesa

Com bilhete de Esc. 5800, 2850 e 1850 . . . . .	786.246	Esc.	2.377.084\$00
Com bilhete de Esc. 5500 e 20 % de desconto. . . . .	61.210	Esc.	153.127\$50
Com bilhete de Esc. 2550 e 20 % de desconto. . . . .	8.930	Esc.	17.870\$00
Alunos com entrada grátis . . . . .	9.767		
Professores com entrada grátis . . . . .	625		
Grande Parada Regional . . . . .	15.000		
Excursão de Vigo . . . . .			
Excursão da Corunha . . . . .			
Parada das colectividades . . . . .	23.000		
Grande Excursão Nacional . . . . .	2.136	Esc.	5.340\$00
Parada dos Bombeiros . . . . .	2.500		
	909.414		2.553.421\$50



# Em 29 de Setembro

A preços verdadeiramente excepcionais é facultada, em excursões ferro-viárias que partem de todos os pontos do País, uma visita à Exposição Colonial Portuguesa

**Por 52\$50**

Preço verdadeiramente excepcional incluindo a entrada na Exposição — parte de Vila Real de Santo António um comboio especial, que receberá passageiros em Tavira, Olhão, Faro, Tunes, Odemira, Beja, Casa Branca e Torre da Gadanha com destino ao Pôrto e volta.

Os passageiros de Lagos, Portimão, Moura, Serpa, Arraiolos, Souzel, Vila Viçosa, Extremoz, Reguengos, Évora, e Montemor-o-Novo pagarão mais o excesso correspondente ao custo das passagens desde as suas estações até às de Tunes, Beja, Casa Branca ou Torre da Gadanha com uma redução de 45 % sobre os preços da tarifa geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Os bilhetes de passagem devem ser requisitados nas respectivas estações, mediante inscrição até ao limite da lotação dos comboios especiais. O pagamento far-se-á no acto da inscrição, a qual se encontra aberta até 23 do corrente. Nas estações respectivas, encontrarão os excursionistas todos os esclarecimentos sobre horários e marchas, etc., dos comboios especiais e dos ramais.

A chegada dos comboios especiais, ao Pôrto, far-se-á na manhã de 29 de Setembro e o regresso às suas origens na noite de 30 do corrente — para 1 de Outubro.

**Por 32\$50**

Incluindo a entrada na Exposição, partem comboios especiais, em 29 do corrente, desde as estações de Vendas Novas, Torres Vedras, Coruche, Lisboa, Vila Franca, Santarém, Torres Novas, Lamasoza, Caldas da Rainha, Elvas, Portalegre, Torre das Vargens, Castelo Branco, Alferrarede, Abrantes, e Barquinha até ao Pôrto e volta.

Os passageiros de Tomar e Castelo de Vide pagarão mais o excesso correspondente ao custo das passagens desde as estações de Lamasoza e Torre das Vargens, respectivamente, com uma redução de 45 % sobre os preços da tarifa geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

**Por 17\$50**

Com entrada incluída na Exposição, estão em organização comboios especiais para 29 de Setembro desde as estações de Pombal, Coimbra, Valada, Seixas, Leiria, Figueira da Foz, Barca de Alva, Pócinho, Régua, Tua, Monção, Valença, Cerveira, Lanhelas, Caminha e Ancora até ao Pôrto e volta.

No itinerário do comboio do Minho foi incluída a estação de S. Pedro da Torre e no Douro a estação de Castelo Melhor onde a inscrição já foi aberta.

Os passageiros da Louzã e Miranda do Corvo pagarão mais o excesso correspondente ao custo das passagens desde essas estações até Coimbra, com uma redução de 45 % sobre o preço da tarifa geral dos Caminhos de Ferro Portugueses.

## Exposição de Arte Colonial

São os seguintes, os trabalhos expostos no certame de Arte Colonial na sala Império do Palácio das Colónias.

### PINTURA (Óleo)

- Abel de Moura — 1, Cabeça de Negra; 2, A porta da cubata.  
Abellard de Vasconcelos — 3, Paisagem de S. Tomé.  
Alberto de Sousa (do Pôrto) — 4, Cabeça de Índio; 5, Coronel Córte Real; 6, Dungulo — mulher do Soba de Quiungo; 7, Sibila.  
Jorge Barradas — 8, Lavadeiras do Rio de S. Tomé; 9, Habitação de Negros (S. Tomé); 10, Perto do Obô (S. Tomé); 11, No mato (S. Tomé).  
José Luiz Brandão de Carvalho — 12, Bóbo negro (tipo bijagoz).  
Manuel Guimarães — 13, Negra.  
Maria Amélia da Fonseca Roseira — 14, Vista do Pico de S. Tomé; 15, Capsulas de Cacau (natureza morta).  
Maria Noémia de Almeida e Vasconcelos — 16, A Sabina — Anjoia.  
Ventura Júnior — 17, Manipaços (natureza morta).

### ESCULTURA

- Ada da Cunha — 18, Negra de Huila (Propriedade da Câmara Municipal do Pôrto).  
Alberto de Sousa (do Pôrto) — 19, Bico de pato (tipo Niassa) gesso patinado.  
Américo Gomes — 20, O Bóbo do Batuque.  
António Alegre de Sampaio e Melo — 21, Baixo Relevo (em bronze).  
Branca Alarcão — 22, O Congo (Bijagoz) bronze; 23, Busto de Criança; 24, Macaista (bronze).  
Henrique Moreira — 25, Mãe Negra (gesso patinado).  
Rui Leal — 26, Cabeça.

### DESENHO

- Alberto de Sousa (do Pôrto) — 27, Tipo Indiano; 28, Dungaia; 29, Sibila; 30, Tipo Macaista; 31, Tipo Indiano; 32, Congo-Dança Tipo Bijagoz; 33, Concerto Macaense; 34, Tipo Mucaenala; 35, Tipo Mucaenala; 36-A, Coronei Córte Real.  
Armando Bruno — 36, Sinfonia Negra.  
Fernando de Oliveira — 37, Desenho.  
Maria Noémia de Almeida e Vasconcelos — 38, Neque Amad Agi Abdul Reim Hakim (Pastel).  
Octávio Sérgio — 40, Raça fina (Guiné); 41, Soba da Guiné.

### Humorismo

- Fernando Oliveira — 42, Cabeça de preta.  
Hugo Sarmento — 43, Landim; 44, Enfim sós.  
Octávio Sérgio — 45, O Soba Mamud; 46, Contidência; 47, Fumando; 48, passeando.  
Roberto dos Santos — 49, Cítone.  
Teodoro da Fonseca — 50, O Sabonete.

### GRAVURA

- Alberto de Sousa (do Pôrto) — 51, Dança na sanzala de Moçambique; 52, Dança dos Bijagoz; 53, Dança dos Balantas.

O júri constituído pelos srs. dr. Artur Almeida de Eça, Alberto Aires de Gouveia, dr. Aarão de Lacerda, Manuel Marques, Eduardo Malta, dr. Vasco Valente e Manuel Machado Saldanha, conferiu as seguintes classificações: *Escultura* — 1.º prémio (1.000\$00) a Américo Gomes; 2.º (500\$00) a Henrique Moreira e 3.º a D. Branca Alarcão.

*Pintura* — 1.º prémio (1.000\$00) a José Luiz Brandão e 2.º (500\$00) a Jorge Barradas.

Não se encontrando representada neste concurso a secção de arquitectura, resolveram os membros do júri propor a sub-division do prémio em dois que foram atribuídos ao dr. Alberto de Sousa (500\$00) por duas gravuras a água-forte e a Octávio Sérgio (500\$00) pela caricatura dum cipato.

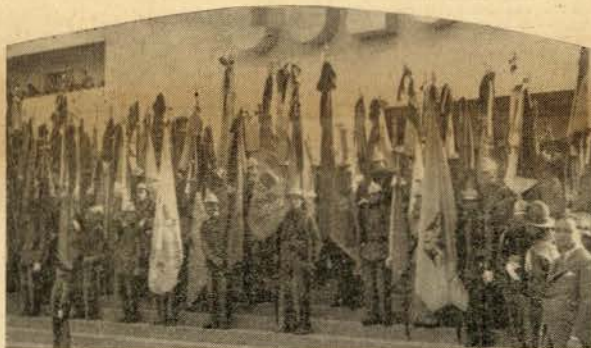
O júri resolveu, também, propor à venda, além daquelas a quem foram conferidos prémios, das seguintes obras: «Manipaçoes», de Ventura Júnior e «Cabeça de Negra» de Abel de Moura.

## PUBLICAÇÕES

### “Cruzada Missionária,”

A interessante publicação mensal *Cruzada Missionária*, que se publica em Couto de Cacujães sob a inteligente direcção do sr. arcebispo de Ovarino, D. João Evangelista de Lima Vidal, superior dos Seminários das Missões Ultramarinas, dedicou o seu último número — que acaba de vir a lume — à Exposição Colonial Portuguesa.

Inserer diversos aspectos deste notável certame e vária colaboração sobre o mesmo.



## Grande Parada de Bombeiros Portugueses

o monumento ao Esforço Colonizador, cerca de 2.000 bombeiros — a primeira vez que em Portugal tão elevado número de Soldados da Paz se reúne! — vibraram, no mesmo ritmo e no mesmo recolhido entusiasmo, em sentida homenagem aos pioneiros portugueses que deram o seu sangue pelo engrandecimento do Império Colonial Português.

A Humanitária Associação dos Bombeiros Portugueses e o importante jornal *Diário de Notícias*, que organizaram essa notável manifestação, merecem, pelo seu infatigável e simpático esforço, coroado de brilhante êxito, todos os elogios.

As gravuras, com que ULTRAMAR assinala esse acontecimento, reproduzem as bandeiras das corporações na ocasião do desfile no Parque do Império e a presidência de honra nessa impressionante cerimónia.



Teve grandeza, marcou pelo elevado significado e atingiu invulgar imponência a grandiosa Parada de Bombeiros Portugueses que no domingo, 9 do corrente, se efectuou em homenagem de admiração à obra

de Colonização e de aplauso à reavivização da I Exposição Colonial.

Atravessando a ruas da cidade, num luzido desfile, em direcção ao Palácio das Colónias e, depois, rodeando, em impecável compostura,

**ULTRAMAR** tem como Representante em Lisboa, o sr. João Santos, na Avenida Elias Garcia, 77-1.º.